

**Análise do Filme “Para Sempre Alice”: A Reorganização num Contexto de Doença Crônica e os Impactos no Desenvolvimento da Família e de seus Integrantes**

**Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.**

**Marinuta de Almeida Cattoni**

**João David Cavallazzi de Mendonça, esp.**

## **Agradecimentos**

Agradeço aos parentes e amigos que próximos ou distantes sempre torceram pelas minhas conquistas.

Um agradecimento especial ao meu marido por sempre acreditar na minha capacidade e dividir as responsabilidades em relação aos cuidados com nosso filho para que eu pudesse ser assídua ao curso de especialização, bem como compreender muitas vezes em que eu precisava de um tempo para assimilar as experiências vividas nos atendimentos das equipes reflexivas.

Gostaria de mencionar aqui o meu filho, que sem ter clareza devido à sua idade, colaborou para que eu tivesse disposição e coragem de dedicar parte do meu tempo para minha formação profissional sem deixar de exercer com o maior amor o papel de mãe como ele sempre mereceu.

Ao meu sogro e minha sogra, meus sinceros agradecimentos por cuidar com tanto carinho do meu filho em várias noites em que eu precisava estar no Familiar e que meu marido também estava cuidando de sua carreira profissional.

Não posso deixar de agradecer a toda equipe acadêmica desta Instituição por compartilharem seus conhecimentos, bem como ao pessoal administrativo pelo acolhimento e atenção sempre dispensados.

Um agradecimento especial à profissional Monica Duarte, com quem eu aprendi muito nas supervisões, bem como à atenção do orientador deste trabalho final, o professor João David Cavallazzi de Mendonça e, ainda, à dedicação da parecerista Sonia de Lima.

Agradeço à vida pela oportunidade de ter conhecido pessoas que se tornaram colegas de turma e que os considero hoje ocupando um lugar especial em meu coração.

A todos, meu eterno agradecimento.

## **Sumário**

<b>1 Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>2 O filme.....</b>	<b>10</b>
<b>3 Considerações finais.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências.....</b>	<b>27</b>

## **Análise do Filme “Para Sempre Alice”: A Reorganização num Contexto de Doença Crônica e os Impactos no Desenvolvimento da Família e de seus Integrantes**

### **Resumo**

Na contemporaneidade, o aumento da expectativa de vida tem acarretado doenças que com a idade avançada afetam não apenas a parte biológica da pessoa, mas também a cognitiva. O Mal de Alzheimer é um destes casos que, classificado como uma demência, apresenta repercussões que podem ocorrer não apenas na vida do adoecido, mas também dos familiares. Frente a esta realidade, o objetivo deste trabalho foi o de analisar um filme que tem como temática a referida doença. A partir de uma análise exploratória e de natureza qualitativa, o norte estabelecido para alcançar o objetivo proposto foi o de identificar como o filme aborda o Mal de Alzheimer, bem como verificar como é apresentada a dinâmica familiar. De caráter documental, a análise de conteúdo do filme ocorreu em articulação com a teoria sistêmica. Foi possível perceber que a doença em um dos integrantes da família desencadeia um cenário de diversas possibilidades em que a intensificação de vínculos afetivos nas relações aparece junto com conflitos no decorrer do processo de reorganização familiar. Por fim, constatou-se que a doença crônica ao provocar uma desordem na família pode representar um processo de desenvolvimento da família e de seus integrantes diante da certeza de finitude da vida.

**Palavras-chave:** Família; Doença crônica; Dinâmica familiar; Teoria sistêmica; Doença de Alzheimer.

### **Abstract**

At the present time, the increase in life expectancy has caused diseases that, with advanced age, affect not only the biological part of the person, but also the cognitive one. Alzheimer's disease is one of those cases that, classified as dementia, has repercussions that may occur not only in the life of the patient but also in the family members. Faced with this reality, the objective of this work was to analyze a film that has this disease as a theme. From an exploratory and qualitative analysis, the established north to achieve the proposed goal was to identify how the film addresses Alzheimer's disease, as well as to verify how the family dynamics is presented. Considered as documentary, the content analysis of the film occurred

in articulation with the systemic theory. It was possible to notice that the disease in one of the family members triggers a scenario of several possibilities in which the intensification of affective bonds in the relationships appears along with conflicts during the process of family reorganization. Finally, it was found that effects of the chronic disease in the family can represent a process of development of the family and its members before the certainty of finitude of life.

Keywords: Family; Chronic disease; Family dynamics; Systemic theory; Alzheimer' s disease.

## 1 Introdução

Este trabalho apresenta como tema principal a doença crônica de Mal de Alzheimer no contexto da família.

Segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup>, o Mal de Alzheimer é a principal causa de demência que acarreta problemas de memória, pensamento e comportamento. A doença é responsável por 50% a 80% dos casos de demência no mundo.

Alguém no mundo desenvolve demência a cada 3 segundos. Em 2015 estima-se que há 46,8 milhões de pessoas em todo o mundo com demência e em 2017 este número será considerado próximo a 50 milhões de pessoas. A cada 20 anos esse número quase irá dobrar, chegando a 75 milhões em 2030 e 131,5 milhões em 2050. O aumento será nos países em desenvolvimento (Alzheimer's Disease International [ADI], 2015).

Estudos realizados de acordo com a realidade no Brasil alertam sobre a importância de se aprofundar na questão do processo de envelhecimento da população brasileira e seus desdobramentos futuros (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2016).

Simões (2016) comenta da necessidade de se conhecer a realidade do idoso brasileiro, visto que de acordo com os resultados das projeções divulgadas, configuram em 2010 um contingente de 19,6 milhões de pessoas, devendo aumentar para 66,5 milhões em 2050.

Com base nos dados divulgados, a antecipação de uma realidade anunciada de aumento da expectativa de vida da humanidade e com isso a prevalência de demências como a de Mal de Alzheimer, torna-se relevante explorar as possíveis repercussões nas famílias.

A longevidade e outros aspectos formam um cenário que provoca mudanças na formação das famílias sem ainda um amparo efetivo por mecanismos e políticas públicas (Cervený & Berthoud, 2010; Osorio & Valle, 2009).

Junto com a consideração dos dados de tal realidade apresentada e suas prováveis consequências sociais, culturais e de saúde pública, o interesse por este tema ocorreu, também, a partir da experiência profissional junto a familiares cuidadores. O que prevalecia nos encontros de grupo eram os esclarecimentos quanto ao processo da doença de Mal de Alzheimer, bem como orientações quanto aos cuidados como forma de darem conta das demandas contínuas. Para além da importância da compreensão desta demência e dos

---

<sup>1</sup> <http://www.brasil.gov.br/saude/2012/04/mal-de-alzheimer/recuperado> em 12 maio, 2018.

aspectos práticos de cuidados, tal experiência proporcionou contatar com o que emergia das relações familiares a partir do processo de reorganização que ocorria diante do novo cenário naquelas famílias.

A partir destes aspectos, entende-se ser necessário para uma intervenção efetiva da área da Psicologia, seja na modalidade individual ou de família, a compreensão da dinâmica relacional familiar que envolve a estrutura e o padrão de funcionamento das famílias frente a um estressor como a doença crônica de um dos familiares

O ampliar a área de conhecimento da Psicologia diante de tal realidade representa uma possibilidade de colaborar com a possível minimização dos impactos do adoecimento por Mal de Alzheimer nas famílias e de promover o desenvolvimento humano a partir do reconhecimento das pessoas nas relações familiares e, conseqüentemente, na vida.

Sendo assim, o processo de reorganização familiar diante das especificidades deste tipo de demência foi o norte estabelecido para se alcançar o propósito deste trabalho de analisar um filme que tem como temática o Mal de Alzheimer.

A escolha por analisar um filme é o que confere ao estudo um caráter documental, o que para Gil (1991) acontece a partir de um material ainda sem tratamento analítico e com possibilidade de ser reelaborado de acordo com os objetos da pesquisa.

A análise de filme se baseou na obra escrita e intitulada como *Still Alice* (2007), cuja tradução na língua portuguesa *Para Sempre Alice* (2009) foi realizada por Vera Ribeiro e publicada pela editora Nova Fronteira. A adaptação para o cinema ocorreu em 2015, dirigido por Richard Glatzer e Wash Westmoreland (Genova, 2009).

A autora, Lisa Genova, é Ph.D. em neurociência pela Universidade Harvard e realiza palestras em diversos países sobre Alzheimer, traumas cerebrais, autismo, etc.

A inspiração da obra “Para Sempre Alice” ocorreu a partir da experiência da autora com a avó que desenvolveu Alzheimer aos 85 anos. Trata-se do primeiro livro da autora de 38 anos, que mora com a família em Massachusetts. Além de neurocientista, Lisa conheceu de perto o problema. “Minha avó teve Alzheimer aos 85 anos, e eu vi a doença desarmá-la aos poucos”, diz. Ela notou que as pesquisas científicas de ponta se preocupavam mais com a descoberta de uma droga eficaz que compreender o sofrimento do paciente e sua luta inicial contra a perda de personalidade. Lisa escolheu o romance por ser o único gênero que permite entrar na mente do personagem e viver sua experiência<sup>2</sup>. (Luis Antonio Giron, parágrafo 4)

---

<sup>2</sup> <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT73995-15565,00.html> recuperado em 06 de maio, 2018.

A seleção deste filme, dentre outros que abordam o mesmo tema, ocorreu devido a referida proposta da autora, bem como por se tratar de uma produção recente e que se diferencia por apresentar um caso precoce de Mal de Alzheimer.

Os comentários em artigos publicados em revistas, trabalhos acadêmicos de diversas áreas da saúde, blogs de psicologia e de cinema referenciam o filme “Para Sempre Alice” em seus diversos aspectos: o diagnóstico inesperado, o reconhecimento e enfrentamento dos sintomas nas etapas da doença, a percepção da perda de identidade, etc.

Sem deixar de considerar a intenção da autora em focar na experiência da pessoa que passa a vivenciar as consequências da doença, o filme apresenta outros aspectos importantes como o da transformação nas relações familiares. É a partir deste olhar para o contexto como um todo que a análise do filme se classifica como exploratória e de natureza qualitativa.

Para Gil (1991) a classificação como um estudo exploratório representa possibilitar explorar ideias, bem como a descoberta de intuições frente aos diversos aspectos do fenômeno estudado e que parte de um planejamento com flexibilidade. Ainda, por se caracterizar de natureza qualitativa, prevalecem os significados das ações e relações humanas (Mynaio, 2001, p.22).

O embasamento que contribuiu para a análise do filme partiu do considerado por autores da teoria sistêmica, cujas fontes de acesso foram livros e algumas plataformas de banco de dados de periódicos. As palavras-chaves utilizadas na busca foram: doença crônica, família, pensamento sistêmico e relações familiares.

A análise de conteúdo das cenas do filme foi instrumentalizada pelo programa de análise qualitativa MAXQDA, o que permitiu a seleção e classificação das falas dos personagens no filme em articulação com o considerado pelo pensamento sistêmico.

Bardin (2011, p.47) designa análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Frente a realidade do Mal de Alzheimer em expansão, bem como a possível repercussão diante da complexidade das famílias e das singularidades de cada integrante em seu respectivo contexto, esta análise de filme será realizada à luz do seguinte questionamento:



como a reorganização diante do adoecimento crônico impacta no desenvolvimento da família e de seus integrantes?

## 2 O filme

Alice Howland é casada, mãe de três filhos adultos e independentes. Profissionalmente, é bem-sucedida em sua carreira como professora e pesquisadora na Universidade de Columbia em Nova York, onde é referência na área de linguística. Alice é autora de vários livros, dentre os quais o intitulado “Dos Neurônios aos Substantivos” que é usado como base de ensino de linguística no mundo inteiro.

A cena inicial do filme mostra a comemoração do aniversário de 50 anos de Alice, ocasião em que no brinde seu marido, John, faz menção a sua beleza e inteligência. Tal homenagem parece estar relacionada ao valor atribuído à formação acadêmica dentro de um padrão de funcionamento da família de Alice quanto às escolhas profissionais.

A exceção é Lydia, a filha mais nova que mora em Los Angeles, cuja identidade profissional se diferencia das demais carreiras tradicionais da família diante da escolha pela área artística, no caso o teatro, sem passar pela formação acadêmica.

Osorio (2009) considera que as escolhas afetivas ou profissionais provocam uma disfunção estrutural na família, identificado como cisões intergeracionais provenientes de conflitos que ocorrem geralmente entre duas gerações sucessivas – pais e filhos.

Para Minuchin (1982, p. 56) “estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem”.

No filme esta situação aparece como geradora de conflito, pois segundo Alice “o teatro não é uma carreira de verdade”. Lydia é cobrada a não se limitar a tal escolha e que ingresse na faculdade. Alice também se mostra contrariada pelo fato do marido ajudar financeiramente a filha no movimento de alavancar fundos para as produções da companhia de teatro.

É na Universidade da Califórnia, durante um evento para a qual foi convidada pelo reconhecimento da sua competência na área de linguística, que Alice vivencia sua primeira dificuldade de comunicação. Ao esquecer uma palavra, Alice em tom de humor justifica o lapso de memória ao champagne que experimentou antes da palestra. A apresentação segue mesmo com a fluidez da comunicação comprometida.

O processo de reconhecimento do quanto há algo diferente fica mais intenso já em Nova York quando Alice, ao praticar esporte de corrida, apresenta desorientação espacial e se perde nas redondezas do Campus Universitário, local que sempre fez parte do seu cotidiano.

A perda de habilidades devido a falhas cognitivas relacionadas às áreas de memória, atenção e orientação percebidas por Alice a fazem procurar um neurologista. O médico demonstra preocupação com a falha de memória esporádica, o que considera incompatível com a idade de Alice, e solicita exames mais específicos para averiguar possibilidade de caso precoce e raro de Alzheimer.

O Mal de Alzheimer, segundo a Academia Brasileira de Neurologia, manifesta-se através de uma demência progressiva, que aumenta sua gravidade com o tempo e os sintomas começam lentamente e se intensificam ao longo dos anos. É um conjunto de sintomas que provoca alterações do funcionamento cognitivo (memória, linguagem, planejamento e habilidades visuais-espaciais) e muitas vezes também do comportamento (apatia, agitação, agressividade, delírios, entre outros) limitando, progressivamente, a pessoa nas suas atividades diárias<sup>3</sup>.

Tal descrição remete a importância da tipologia da doença considerada por Rolland (1995) como forma de se verificar a interação entre a dinâmica familiar ou individual e a doença crônica: “Do ponto de vista da família, a teoria sistêmica familiar deve incluir o sistema da doença” (Rolland, 1995, p. 373)

Com base nesta classificação, o Mal de Alzheimer é um adoecimento que não ocorre de forma súbita, mas sim com início considerado gradual, o que em princípio possibilita que em tal espaço de tempo a família possa se estruturar, organizar as responsabilidades, etc. Por outro lado, a doença segue um curso progressivo, cujo avanço de sintomas são contínuos e irreversíveis.

A necessidade contínua de adaptação frente a novas demandas conforme avanço da doença, a flexibilidade familiar para mudança de papéis e a abertura para buscar recursos externos para auxílio nos cuidados são aspectos que ficam em evidência em doenças com curso progressivo (Rolland, 1995).

Tais aspectos fazem parte do contexto familiar apresentado no decorrer da doença em Alice, porém o foco do filme é no processo de reconhecimento da protagonista diante dos sintomas característicos da doença, cujo avanço passa a alterar a sua percepção quanto a vida

---

<sup>3</sup> <http://abneuro.org.br/clippings/detalhes/366/alzheimer-a-doenca-do-século/>, recuperado em 12 de maio, 2018.

em geral junto com a perda da própria identidade, o que conseqüentemente provoca mudanças na dinâmica relacional familiar.

Sendo assim, a tipologia da doença de Mal de Alzheimer sinaliza que passam a fazer parte da dinâmica familiar as tentativas contínuas de organização em razão da desordem provocada pelos sintomas progressivos e irreversíveis do Mal de Alzheimer.

Junto com a desordem aparecem as perdas contínuas da família, de Alice e demais integrantes, o que remete à importância de se considerar junto com o sistema da doença também o sistema do processo de luto que a família tende a vivenciar no decorrer do avanço dos sintomas da doença.

Ao escrever sobre o pensamento sistêmico como novo paradigma da ciência, Vasconcellos (2013) apresenta definição de sistema a partir de Ludwing von Bertalanffy (1901-1972). Para este biólogo e cientista, “sistema é um ‘complexo de elementos em interação’ ou um ‘conjunto de componentes em estado de interação’, usando também como sinônimos sistema, totalidade, organização” (Vasconcellos, 2013, p. 198).

Um sistema que parece funcionar longe do equilíbrio e num constante processo de tornar-se é o que se observa na experiência da família diante do adoecimento de Alice e que remete ao que Carter e McGoldrick (1995) apresentam de visão de família como um sistema movendo-se através do tempo.

A transição da ciência tradicional, identificada como “ciência moderna” nos séculos XVII a XIX para a ciência denominada como pós-moderna a partir do século XX ocorre por parte do reconhecimento de vários autores sobre a existência de pressupostos epistemológicos presentes na ciência, cuja mudança epistemológica ocorreu a partir de uma revisão do paradigma anterior dominante dando origem a uma ciência pós-moderna, novo-paradigmática (Vasconcellos, 2013).

A mudança do paradigma tradicional para o novo paradigma da ciência parte da substituição dos pressupostos da simplicidade por complexidade, da estabilidade do mundo para a instabilidade e do pressuposto da objetividade para a subjetividade.

Paradigma é referenciado como uma forma da pessoa ser, pensar e agir no mundo. Ou seja, são as regras que guiam as pessoas para perceber o mundo e que por serem concebidas como “únicas” ou “certas” impossibilitam a inovação, caracterizando na humanidade a inflexibilidade e a resistência a mudanças (Vasconcellos, 2013).

A complexidade apresentada como um dos pressupostos epistemológicos do pensamento sistêmico está relacionada à consideração de Vasconcellos (2013, p. 151) de que “a ampliação do foco no sistema permite ao observador perceber em que circunstâncias o fenômeno acontece, porém ao mesmo tempo passa a descobrir uma teia de fenômenos interligados recursivamente”.

O pensar em famílias a partir da perspectiva sistêmica envolve pensar, então, em características da ciência pós-moderna como: sistemas complexos, desordem, imprevisibilidade, caos, padrões interconectados, múltiplas verdades, princípio dialógico, relações causais recursivas, etc (Vasconcellos, 2013). Ou seja, pensar em família como um sistema complexo e em constante desenvolvimento.

Este sistema em andamento e em constante transformação de forma autônoma precisa ser explorado como forma de se entrar no fluxo dessa imprevisibilidade e incontrolabilidade. Tal cenário remete a outro pressuposto epistemológico do pensamento sistêmico: a instabilidade (Vasconcellos, 2013).

O envolvimento diante da complexidade e da instabilidade do sistema é o que Vasconcellos (2013) comenta sobre o reconhecimento do próprio observador inserido no processo de percepção da realidade apresentada, caracterizando a intersubjetividade, outro pressuposto epistemológico do pensamento sistêmico.

Para Gomes, Bolze, Bueno e Crepaldi (2014, p. 16): “Pensar sistemicamente, embasando-se na ciência novo paradigmática, implica reconhecer o sujeito no seu contexto; o terapeuta ou pesquisador se inclui no sistema no qual intervém ou que estuda, entendendo que a realidade não é estática e nem presumível”.

Sendo assim, tomando-se como base o pensamento sistêmico como novo paradigma da ciência, as percepções relatadas ao longo da análise deste filme tendem a ocorrer a partir do paradigma do autor.

No filme, o diagnóstico de Alzheimer acontece em uma fase em que Alice e o marido estão no auge de suas carreiras profissionais e na casa onde mora somente o casal.

Rolland (1995) considera que o processo da doença crônica no contexto desenvolvimental da família remete à interseção de fios evolutivos como o ciclo de vida da doença, do indivíduo e da família.

Mais especificamente sobre o momento do ciclo dos outros integrantes da família, no caso os filhos do casal, Ana está em preparação para um procedimento de fertilização artificial para se tornar mãe, Tom está envolvido com os estudos e plantões da área da medicina e Lydia em sua tentativa de alavancar a carreira junto com dificuldade financeira para se manter na profissão escolhida.

No momento de compartilhar a situação da doença aos filhos, Alice conta com o apoio do marido que já tem o conhecimento prévio do diagnóstico. Na ocasião, a reação inicial de John é apresentada como de negação, momento em que associa os lapsos de memória citados por Alice ao fato de ambos estarem envelhecendo.

Neste ponto, o adoecimento por Mal de Alzheimer parece ser crítico, pois sintomas iniciais de lapsos de memória podem ser confundidos com características próprias do avanço da idade.

Alice mobilizada emocionalmente, diz “você precisa me levar a sério, meu cérebro parece estar morrendo e tudo pelo que eu trabalhei a vida inteira está se perdendo”. John a acolhe e passa a acompanhá-la nas consultas ao médico.

A franqueza diante da intensidade emocional no sistema é para Brown (1995) a capacidade de cada integrante da família evitar posturas reativas e expressar sentimentos como algo singular, sem a expectativa de que os demais familiares também sintam o mesmo.

Quanto à reação dos filhos ao serem comunicados sobre o diagnóstico de Mal de Alzheimer de Alice, percebe-se um estado de perplexidade e de dificuldade em compreender este tipo de doença desenvolvida de forma precoce na mãe.

Na reunião de família, Lydia é a filha que expressa o quanto já havia notado algumas confusões e esquecimentos em Alice, mas logo é interrompida pela irmã com olhar de reprovação ao comentário.

Os recursos a serem desenvolvidos para o processo de cuidar parecem ficar limitados e aumentam o stress se a família tentar se proteger não comunicando um ao outro o que percebem e sentem diante do prognóstico da doença. O não comunicar aumenta a tensão e o stress emocional (Brown, 1995; Wright & Nagy, 1994).

O filme mostra a presença ativa de Alice na vida em geral, bem como junto à família como, por exemplo, nos encontros e nas comemorações de datas festivas. Em uma destas ocasiões, antes de receber o diagnóstico, Alice demonstra dificuldade de se organizar, se

perde ao tentar seguir as receitas contando com sua memória, além de ficar perturbada com o que percebe em si diante de afazeres domésticos que sempre realizou com pleno domínio.

Este é um exemplo que remete ao que Bowen (1998) considera como perturbação no âmbito familiar diante de possíveis tipos de perdas sentidas pela família, as quais ocorrem conforme o que a pessoa adoecida representa no respectivo contexto.

O dinamismo e afetividade são características de Alice que são alteradas devido à doença, uma vez que os sintomas do Alzheimer alteram o equilíbrio e discernimento da pessoa adoecida frente a situações vivenciadas no simples cotidiano. Sendo assim, são as perdas que Bowen (1998) considera como funcional e emocional que passam a ser sentidas pela família de Alice.

A partir da revelação da doença de Alice acontece o movimento centrípeto que Rolland (1995) apresenta como o período inicial em que o foco da família passa a ser o de união para buscar o conhecimento da enfermidade e sua repercussão.

No caso do Mal de Alzheimer as famílias precisam buscar apoio para o entendimento de como proceder diante desta doença crônica, cujo prognóstico é de dependência já que afeta a mente e, conseqüentemente, a autonomia da pessoa.

O filme mostra que Alice e John durante as consultas médicas questionam e apresentam argumentos com base no que leram sobre a doença diante do posicionamento médico em relação ao diagnóstico. O filho Tom, por ser residente em medicina, apresenta a interação com Alice a partir do seu interesse pela conduta médica quanto à medicação. Lydia, apesar de seu relacionamento conflituoso com Alice, é a filha que passa a interagir cada vez mais com interesse em saber como a mãe se sente diante do processo de adoecimento.

Em uma teoria apresentada com base na estrutura e funcionamento familiar, Minuchin (1982) ao tratar sobre o terreno da patologia comenta que a vida psíquica de uma pessoa não se restringe a um processo interno, pois é recíproca a influência entre o indivíduo e o seu contexto.

A perspectiva sistêmica considera, então, o fenômeno a partir de seu contexto. Para Papp (1992, p. 22), “. . . o todo é considerado maior do que a soma de suas partes; cada parte só pode ser entendida no contexto do todo. . .”. Carter e McGoldrick (1995, p. 8) ao estudar sobre as mudanças no ciclo de vida familiar apresentam que “a família é mais do que a soma de suas partes”.

Desta forma, pensar em famílias a partir da perspectiva sistêmica envolve pensar em processos, redes, ambiente, problemas, etc.

Diante desta complexidade, para a compreensão do processo de mudança que tende a desestabilizar o sistema familiar é necessário considerar o contexto onde ocorrem as relações familiares frente a um padrão de funcionamento e de estrutura familiar apresentado.

A experiência subjetiva é alterada quando ocorre a mudança na relação entre um elemento e o seu contexto familiar. Porém, é o todo que deve ser considerado, sendo o elemento visto como parte desse sistema ou como um subsistema (Minuchin, 1982).

Papp (1992) ao abordar o modelo estratégico aplicado no trabalho com famílias considera que a atenção se concentra mais nas conexões e relações apresentadas no contexto em que estas ocorrem e não apenas nas características individuais de quem as vivencia.

O concentrar-se nas relações não significa que os componentes desapareçam, pois o contextualizar é reintegrar o objeto no contexto, ou seja, é vê-lo existindo no sistema (Vasconcellos, 2013).

No decorrer da dinâmica familiar apresentada no filme, pode-se dizer que a circunstância da doença de Mal de Alzheimer de Alice altera a identidade desse sistema familiar como um todo devido à complexidade também da doença.

A situação na família fica mais tensa ainda quando os filhos são informados por Alice de que se trata de um caso precoce e raro de Alzheimer e com questão genética envolvida. Alice chora e diz que lamenta muito.

O processo de decisão de cada filho em realizar ou não o exame para averiguar uma possível herança genética não é explorado no filme. O que fica em evidência é a expressão de Alice frente a evitação da filha Ana em não querer conversar sobre o resultado positivo do exame, o que significa a possibilidade dela também desenvolver a mesma doença da mãe.

Em outra cena, Ana também parece se proteger de vivenciar a realidade da doença da mãe ao tentar convencê-la de que não é necessário anotar o horário e local de apresentação da peça teatral de Lydia. Na ocasião Tom e Lydia discordam de Ana, pois de fato permitir que Alice faça as anotações é uma forma de incentivar a sua autonomia dentro do contexto da doença. Tal cena acaba em conflito entre as duas filhas Ana e Lydia, cujo histórico progresso relacional é conflituoso.



Para Bowen (1998) o nível de funcionamento da integração emocional da família enquanto vivenciam o fato estressor é o que guia a intensidade das reações emocionais.

O filme segue mostrando o processo de Alice frente ao reconhecimento de perdas devido aos sintomas progressivos da doença. Esta fase de desenvolvimento da família pode ser identificada como centrífuga, que de acordo com Rolland (1995), é quando a família se reorganiza para poder retomar suas atividades.

No adoecimento com curso progressivo, como é o caso do Mal de Alzheimer, há um tempo para a família se preparar antecipadamente para as mudanças, o que permite, ainda, que a própria pessoa adoecida possa participar do planejamento familiar. Neste sentido, aparece a importância da flexibilidade em relação à reorganização interna de papéis diante da necessidade de cuidados contínuos (Rolland, 1995).

O filme mostra este período de planejamento e experimentação ao mesmo tempo. Alice utiliza por um bom tempo recursos mnemônicos para estimular as conexões cerebrais como: jogos de palavra cruzada, anotações em bilhetes e quadros, uso de marcadores de textos para leituras, etc. Em certa ocasião, Alice grava um vídeo para si mesma que serve como orientação do que fazer quando não conseguir lembrar de mais nada, indicando a administração de remédios em dose excessiva.

Neste período, uma outra cena mostra o envolvimento da família com o processo da doença. Alice se dispõe a dar uma palestra para uma associação de Alzheimer. Devido a uma viagem de trabalho, o marido John não consegue estar presente. Alice é acompanhada dos filhos Tom e Ana, porém é Lydia que mesmo a distância interage com a mãe de forma direta e aberta com Alice quanto à conscientização do seu processo de adoecimento.

Alice ao ler o texto elaborado por si mesma recebe o *feedback* de Lydia do quanto está num tom científico, dando a entender a similaridade com os que eram produzidos em sua carreira como professora e pesquisadora. A filha tenta clarificar que o público não será de cientistas e tenta convencer Alice a elaborar algo mais pessoal, que faça sentido com sua situação atual como, por exemplo, quanto ao significado da doença em sua vida. Alice é reativa e o momento fica tenso entre ambas.

Na associação de Alzheimer, Alice lê com o auxílio de um marcador de texto o conteúdo reformulado, apresentando o reconhecimento das perdas do que acumulou na vida

toda ao vivenciar o Alzheimer, finalizando com a frase: “Ainda tenho vida, tenho que viver o momento e não me torturar tanto por dominar a arte de perder”.

Em algumas cenas do filme é percebido que a doença é vivenciada de forma velada nas relações familiares e também diante da sociedade.

Ana, a filha mais velha, aparenta ter características parecidas às de Alice no que se refere a praticidade em lidar com as circunstâncias da vida. Porém, no decorrer do processo da doença no contexto familiar, o relacionamento da filha com a mãe aparenta um distanciamento, não físico mas de interação pessoal, o que parece ser uma forma de Ana se proteger de entrar em contato com a realidade da doença. Além de não se expressar, Ana também faz movimentos de impedir que as demais interações se estendam quando se trata do reconhecimento dos sintomas do Mal de Alzheimer na mãe.

O esclarecimento quanto às dúvidas em relação a doença e práticas de cuidado, o compartilhamento entre os familiares quanto aos sentimentos de angústias e medos, bem como o planejamento em cada fase do processo de adoecimento são aspectos que a família precisa se envolver de forma que consiga vivenciar importantes despedidas (Fonseca, 2004).

Outro fato é a na questão profissional de Alice. Por mais que ela tenha momentos de tensão junto com frustração quanto ao seu desempenho cognitivo, a revelação na Universidade do quanto seu nível de funcionamento mental está prejudicado só é informado após reclamações dos alunos chegarem ao coordenador do curso expondo a dificuldade de acompanharem as aulas de Alice devido ao conteúdo embaralhado, sem foco e sem cuidado.

Em outro momento do filme, somente após ser cobrada pelo marido sobre manter os compromissos sociais, é que Alice expõe como se sente em reconhecer suas limitações diante das perdas contínuas de habilidades na comunicação. Tal cena demonstra a ausência nas relações familiares de se falar sobre o significado e impactos da doença para cada integrante da família. Isso evitaria até do próprio marido cobrar a participação de Alice se tivesse noção prévia de como ela está lidando com o processo da doença.

As manifestações mais abertas no momento de mudança remetem a uma família integrada, o que gera uma adaptação mais rápida. Ao contrário, a pouca reação de membros no momento da mudança retrata uma família menos integrada, o que pode ocasionar posteriormente sintomas de adoecimento físico ou emocional ou até mesmo distúrbio de comportamento social. (Bowen, 1998, p. 109)

Na doença de Mal de Alzheimer até certa fase a pessoa adoecida ainda está presente e com aspecto saudável, o que interfere e muitas vezes pode postergar o ciclo circular do processo de organização e reorganização, pois é na experiência relacional que a parte cognitiva prejudicada é percebida pela família.

Neste sentido, o processo de mudanças e ao mesmo tempo de luto da família é mostrado na maior parte do filme no subsistema conjugal.

Para Minuchin (1982) cada indivíduo é considerado um subsistema dentro de uma família, sendo que também podem ser representados por díades formados por geração, sexo, função.

John passa a vivenciar os momentos de forma mais intensa diante do processo de dificuldade de Alice de tomar decisões, de mudança repentina de humor, de falas repetidas, de perda seguida de objetos, do comprometimento para manter uma conversa e outros aspectos que ocorrem devido ao Alzheimer.

Primeiramente, John ainda cobra os esquecimentos de Alice e ela relembra de que tem Alzheimer. Em uma cena em que Alice esquece um jantar com a chefe de John, o que dá a entender que foi até de forma proposital, demonstra mais uma vez o quanto a comunicação não ocorre de forma orientada para a enfermidade ou até mesmo de ser velada nas relações, inclusive pela própria pessoa adoecida enquanto lúcida de sua situação.

John ao cobrar a ausência de Alice para o respectivo jantar, comenta: “temos que manter as coisas importantes da nossa vida acontecendo, temos que tentar ou ficaremos doidos”. Alice expõe o quanto seria constrangedor os seus esquecimentos durante o jantar e do empenho na condição da doença de ter que pensar no que falar. No decorrer da discussão, Alice diz “eu preferia ter câncer”.

No decorrer do tempo a dinâmica relacional familiar se modifica cada vez mais, conforme cada situação vivenciada diante das mudanças em Alice. A disponibilidade de alguns familiares em se relacionarem com Alice no que ela consegue ser em cada etapa da doença fica evidente em alguns momentos do filme.

Alice relembra com John o que viveram juntos quando se conheceram e também compartilha com Lydia histórias progressas de sua família de origem. Tais cenas são menos tensas, já que a memória de um passado distante se acentua até uma determinada fase da doença de Alzheimer, sendo outro sintoma que pode ser confundido como de envelhecimento.

Em outro momento Alice cobra de John que ele trabalha muito, que gostaria de viver um ano sabático. Neste aspecto mostra o quanto Alice esquece de seu funcionamento similar quando estava profissionalmente ativa antes da doença. John permanece motivado para os desafios de sua carreira enquanto o momento de Alice é o de lidar com uma rotina diferente após o desligamento profissional devido à doença.

Ou seja, o filme mostra que os movimentos de aproximação dos familiares para acompanhamento e cuidado de Alice ao mesmo tempo não anulam seus projetos pessoais de vida. Porém, a transformação contínua em Alice devido à doença desencadeia uma mudança no funcionamento das fronteiras na família, bem como altera a organização ou identidade do sistema.

Fronteiras é um conceito sistêmico que Minuchin (1982) apresenta e que tem a função de proteção da diferenciação do sistema. Percebe-se que na família de Alice as fronteiras nítidas apresentadas até certo momento, ou seja, com regras que definem quem participa e como participa do subsistema bem definidas, passaram a se modificar.

Por exemplo, a aproximação de Lydia cada vez mais frequente devido ao adoecimento de Alice provoca uma mudança no funcionamento das fronteiras desse subsistema identificado como parental, mãe-filha.

A cena que retrata o que Minuchin (1982) considera como emaranhamento nas fronteiras do sistema acontece quando Alice retoma o assunto da necessidade de Lydia ter uma formação acadêmica e de um plano B para sua vida, pois assim Alice ficaria mais tranquila de ver as coisas encaminhadas. Lydia reage dizendo que a mãe não pode usar a doença como motivo para conseguir que as coisas aconteçam do jeito dela. Alice diz que pode sim, pois está falando como sua mãe e não pela doença.

“Algumas famílias giram em torno de si mesmas, para desenvolver seu próprio microcosmo, com um conseqüente aumento de comunicação e preocupação entre os membros familiares. Como consequência, a distância diminui e as fronteiras são anuviadas. A diferenciação do sistema familiar passa a ficar difusa” (Minuchin, 1982, p. 59).

Sendo assim, os sintomas do Mal de Alzheimer em Alice acarreta uma mudança estrutural da família, pois a perda de memória, o distanciamento da realidade, a falta de autonomia, dentre outros sintomas da doença, modificam o funcionamento da família. Tanto o subsistema conjugal quanto o subsistema parental tem o funcionamento das fronteiras

modificado na medida em que os sintomas da doença avançam em Alice, cujas funções de esposa e mãe tendem para o desligamento. Ou seja, entende-se que a organização ou identidade deste sistema é alterada com base na mudança ocorrida em um de seus componentes, no caso Alice.

Sendo assim, o processo de mudanças que ocorre no contexto familiar diante da doença representa de certa forma o desenvolvimento da própria família, a qual aprende a lidar com as situações novas. Ao mesmo tempo o processo de desenvolvimento de cada integrante neste contexto ocorre de forma singular na medida em que se posicionam diante das situações vivenciadas.

Exemplo de um momento do filme é quando após a família prestigiar uma apresentação de Lydia no teatro, Alice a parabeniza tratando-a como atriz sem reconhecê-la como filha. O processo de mudança em Alice acontece de acordo com a evolução dos sintomas da doença. Neste caso se intensifica a oscilação com momentos de lucidez e de distanciamento da realidade.

Em outra cena John presencia o estado de perturbação de Alice ao perder o controle dos esfíncteres dentro da própria casa de praia do casal. A desorientação espacial, bem como a temporal, é outro sintoma que se acentua na pessoa que desenvolve Alzheimer.

Verifica-se que o processo de mudança em cada familiar ocorre a partir do que representa para cada um, de forma singular, as vivências diante da perda da função de Alice na família. O processo de mudança na família ocorre conforme seus integrantes passam a interagir entre si diante de tais situações.

Para Minuchin (1982) em seus estudos baseados na estrutura e funcionamento familiar, as fases de desenvolvimento de uma família acontecem na medida em que há mudanças evolutivas de seus integrantes. Ou seja, os dois processos de mudanças acontecem em paralelo, tanto na família como nos seus integrantes.

A fase final, ou também considerada como um novo movimento centrípeto (Rolland,1995) é aquele em que a família se une novamente para retomar o processo de reorganização, sendo que esta fase é caracterizada pelo predomínio de questões que envolvem decisões que impactam no que passa a representar a separação, tristeza, etc.

Lydia continua próxima de Alice mesmo através do recurso da internet. Em um destes contatos demonstra preocupação ao perceber que a mãe está sozinha em casa devido a um imprevisto com a cuidadora.

Em outra cena em que está na casa de praia com os pais, Lydia percebe em uma conversa com Alice que seu diário foi lido. Lydia mostra-se incomodada com a invasão de sua privacidade. Porém, ao cobrar de Alice percebe o quanto ela não tem noção de onde acessou o que acabara de comentar. No dia seguinte, Alice lembra que fez algo que desagradou Lydia e sem ter noção do que foi, pede desculpas.

Lydia questiona: “Como é isso? Como você se sente de verdade em não lembrar as coisas?” Alice responde em uma fala lenta o quanto tem dias bons e outros ruins em que não consegue se encontrar. O diálogo mãe-filha se encerra com o agradecimento de Alice pela filha perguntar. Ao retornar para Los Angeles, Lydia deixa o diário no travesseiro da mãe com um bilhete escrito: “sem segredos”.

Já se encaminhando para a parte final do filme, Alice aparece cada vez menos presente nas relações familiares. Ou seja, é perceptível o adoecimento, diferente das fases anteriores em que era na interação diária que a família se dava conta do comprometimento cognitivo de Alice.

A família se reúne para tentar se organizar frente à decisão de John em aceitar a promoção no trabalho e viver em outra cidade. Neste momento, Alice permanece próxima, porém com olhar distante sem participação ativa devido ao estágio avançado de Alzheimer.

Na ocasião, Ana e Tom aceitam a decisão de John de levar Alice junto para a outra cidade mesmo sabendo que esta não era sua vontade quando ainda lúcida. Ana está numa fase em que no papel de mãe precisa cuidar de bebês gêmeos e Tom está envolvido com a carreira efetiva de médico. Tom comenta que Lydia não irá concordar com a decisão e Ana em seguida menciona que a opinião da irmã não será considerada por ela estar longe.

A decisão de John em aceitar a promoção no emprego e o avanço dos sintomas da doença em Alice, tornando-a dependente de cuidados contínuos, faz com que a diferenciação do sistema familiar passe a ficar difusa: “O sistema pode se tornar sobrecarregado e carecer de recursos necessários para se adaptar e mudar, sob circunstâncias estressantes” (Minuchin, 1982, p. 59).

O subsistema conjugal passa a ser representado pelo desligamento de fronteira quando é decidido que John vai morar em outra cidade sozinho para dar seguimento à sua carreira. Lydíia passa a assumir os cuidados de Alice, o que representa um emaranhamento na fronteira do subsistema parental.

Antes da mudança concreta no subsistema conjugal e que reflete no subsistema parental, o tema da mudança de cidade diante da proposta recebida por John foi discutido com Alice. Em uma fase ainda com consciência de si, Alice descarta a possibilidade da mudança ao mesmo tempo em que alega motivos compatíveis com seu processo de perda já sendo vivenciado diante do que sempre dominou e conheceu na vida, referindo-se ao conhecimento adquirido na sua formação, bem como da perda de toda sua história construída na vida.

Percebe-se, então, que as modificações no sistema familiar acontecem concomitantemente com o sistema da doença e, conseqüentemente, também o processo do sistema de luto.

“. . . fases familiares centrípetas *versus* centrífugas no ciclo de vida familiar são particularmente úteis para a tarefa de integrar o desenvolvimento da família, do indivíduo e da doença” (Beavers, 1982; Beavers e Voeller, 1983 como citado em Rolland, 1995, p. 385).

No diálogo entre pai e filha, John demonstra interesse em saber como foi para Lydíia deixar Los Angeles. Na cena em que uma mobilização emocional se faz presente, Lydíia responde: “eu sei que é aqui que preciso estar” e John complementa: “você é uma pessoa melhor que eu”.

Quando a família consegue discutir abertamente sobre o adoecimento, diminui a probabilidade de desenvolvimento de sintomas emocionais e ou físicos, assim como as mudanças de papéis em famílias menos tradicionais tendem a ser mais fáceis, sendo que cada família encontra sua própria forma de solução (Brown,1995; Wright & Nagy, 1994)

Alice aparece nas cenas finais com a companhia de Lydíia, a qual conta com a ajuda de uma cuidadora.

Lydíia lê para a mãe o texto de uma cena de teatro. Ao finalizar tenta estimular uma conversa com Alice a partir do que ela entendeu, parecendo não se importar se não fizer sentido. Alice não responde a após insistência de Lydíia, ela responde: “amor”.

Em seguida a tela do filme fica em branco, o que é percebido como uma menção ao total esquecimento de Alice.

### 3 Considerações finais

O Mal de Alzheimer foi apresentado a partir do processo da pessoa que o vivenciou, no caso por Alice. Porém, foi perceptível na análise do filme as repercussões no sistema familiar a partir da circunstância da doença.

O sistema da doença na família representou um processo de despedidas do que Alice conseguiu fazer, bem como de quem ela conseguiu ser nas relações familiares e na vida em geral. Isto foi possível perceber através das interações que ocorreram no contexto familiar durante o percurso desde o anúncio do diagnóstico de Mal de Alzheimer até a fase avançada da doença.

O filme mostrou que Alice foi quem lidou na maior parte do tempo com a angústia das perdas, mas depois de uma certa fase esse sentimento permaneceu mais com os familiares que a acompanharam, pois diante do avanço dos sintomas do Mal de Alzheimer a existência de Alice ficou limitada ao que seu nível de funcionamento mental permitia perceber, expressar, sentir e viver.

A necessidade de acompanhamento contínuo pelos familiares apresentou uma dinâmica relacional que funcionou longe de um equilíbrio e num constante processo de tornar-se, pois houve encontros caracterizados pelo interesse e cuidado devido ao vínculo familiar, bem como encontros em que os conflitos de relações familiares se intensificaram, especificamente entre Alice e Ana com Lydia.

Neste sentido, pode-se considerar que também houve desencontros devido a deterioração das conexões cerebrais em Alice, comprometendo ao longo do tempo sua comunicação devido à dificuldade na articulação de pensamentos e ideias e até mesmo o não reconhecimento da fisionomia de pessoas próximas ou por quem Alice sempre foi vinculada afetivamente.

Sendo assim, a família passou por um processo de reformulação contínua nas relações devido às mudanças ocorridas com Alice, bem como por um processo de reorganização familiar como forma de dar conta de cada fase frente ao prognóstico irreversível dos sintomas da doença.

Ou seja, foi no existir na complexidade desse sistema, bem como diante de uma instabilidade constante movimentando-se na linha do tempo da vida, que a família de Alice



passou a vivenciar um constante manejo da imprevisibilidade, propulsora de caos e desordem diante do avanço dos sintomas como os que ocorrem no caso do Mal de Alzheimer.

É neste reconhecimento da família quanto à realidade da doença vivenciada em seu contexto que faz parte o compreender e aceitar o processo de mudanças necessárias. O que estas transformações passam a representar é o que caracteriza o salto evolutivo no desenvolvimento tanto da família como em cada integrante de forma singular.

Conclui-se, então, considerando-se o pensamento sistêmico como embasamento na análise do filme, que o impacto da mudança em um dos integrantes da família, no caso como foi com Alice, provocou uma desorganização no sistema familiar sobrepondo uma organização que estava em processo anteriormente e que estava caracterizada por relações familiares conflituosas em algumas partes da rede, harmoniosas em outras, com alguns rompimentos temporários assim como também por tipo de perdas irreversíveis, dentre outras circunstâncias.

O ciclo de vida de cada familiar foi considerado no processo de reorganização familiar, principalmente na fase avançada na doença. Neste sentido o filme chama a atenção para o fato de que a doença acabou sendo propulsora de transformação na relação entre Alice e Lydia, cujo relacionamento na história pregressa da família sempre foi conflituoso e que acabou provocando o resgate do relacionamento entre mãe e filha.

Frente a este processo que ocorre na dinâmica relacional familiar ao vivenciar a doença de Mal de Alzheimer, torna-se importante verificar em próximos estudos se o resultado da reorganização familiar depende mais do impacto da doença ou do padrão relacional na família antes da mudança gerada pelo adoecimento crônico.

Outro aspecto importante de ressaltar é que o filme impulsiona um alerta para as famílias quanto aos sintomas que podem ser confundidos como consequências do envelhecimento. Porém, por retratar um caso precoce da doença, tal iniciativa de procurar um médico foi da própria personagem adoecida. Na realidade, tomando-se como base o aumento dos casos de demência em idosos devido ao prolongamento da expectativa de vida, tal movimento tende a ocorrer por iniciativa de familiares mais próximos.

Outro ponto importante é que o filme apresenta as transformações nas relações familiares, porém sem mostrar o impacto do envolvimento intenso que acontece diante das

demandas de cuidados e que pode resultar em stress tanto físico como emocional nestes familiares.

Sendo assim, a família como uma área ampla e complexa para os estudos da Psicologia representa um campo de diversas possibilidades para a compreensão do desenvolvimento humano.

Neste sentido, a análise do filme apresentou a circunstância da doença vivida com muitas dificuldades tanto por Alice quanto pelos seus familiares, porém que resultaram em vivências significativas a partir das escolhas conscientes, nas quais junto com despedidas também era encontrado vida.

O filme retrata bem este aspecto na escolha de Lydia de optar de postergar a dedicação exclusiva à carreira na cidade onde morava e se aproximar para cuidar de Alice, bem como do marido que fez o movimento ao contrário.

O resultado deste trabalho ampliou a compreensão do desenvolvimento humano para além do que pode ser considerado como uma perda em vida ou um processo de despedir-se pelos familiares diante do adoecimento crônico de um de seus integrantes, mas também o da possibilidade de ressignificarem as relações e seguirem na vida.

## Referências

- Alzheimer's Disease International. (2015). *The global voice on dementia*. London: Autor. Recuperado de <https://www.alz.co.uk/research/statistics>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bowen, M. (1998). A reação da família à morte. In Walsh, F. & McGoldrick, M. (Eds), *Morte na família: Sobrevivendo às perdas* (pp. 105-117). Porto Alegre: Artmed
- Brown, F. H. (1995). O impacto da morte e da doença grave sobre o ciclo de vida familiar. In Carter, B., McGoldrick, M., & colaboradores. (Eds), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.394-414). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., McGoldrick, M., & colaboradores. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cervený, C. M. O., Berthoud, C. M. E., & Colaboradores. (2010). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa* (2a ed.).São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fonseca, J.P. (2004). *Luto antecipatório*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Genova, L. (2009). *Para sempre Alice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Gil, A. C. (1991). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: Das partes para o todo. *Revista Pensando famílias*, 18(2), 3-16.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (18a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Osorio, L. C. (2009). Disfunções Familiares. In Valle, M. E. P. do., Osorio, L. C. & colaboradores. (Eds), *Manual de terapia familiar* (pp. 323-333). Porto Alegre: Artmed.
- Osorio, L. C., Valle, M. E. P. do., & colaboradores. (2009). *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Papp, P. (1992). *O processo de mudança*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Rolland, J. S. (1995). Doença crônica e o ciclo de vida familiar. In Carter, B., McGoldrick, M., & colaboradores. (Eds), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (pp.373-392). Porto Alegre: Artmed.
- Simões, C. C. S. (2016). *Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população*. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

- Vasconcellos, M. J. E. de. (2013). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência* (10a ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Wright, L. M., & Nagy, J. (1994). Morte: O mais perturbador segredo familiar. In Imber-Black, E. & colaboradores. (Eds), *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 128-143). Porto Alegre: Artmed.